

Literatura

01. O leitor sempre povoou o universo literário, seja como interlocutor, seja como personagem. A preocupação com a arte de escrever e com os efeitos da leitura revela-se nos textos em prosa e em verso de todas as épocas, mostrando que a criação literária é um trabalho consciente e comprometido com a realidade na qual se insere. Considere o trecho do *Sermão da Sexagésima*, de Pe. Antônio Vieira, e analise as questões a seguir.

Aprendamos do Céu o estilo da disposição e também das palavras. Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação – muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo; as estrelas são muito distintas e muito claras e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender os que sabem. O rústico acha documentos nas estrelas para sua lavoura e o matemático para as suas observações. De maneira que o rústico que não sabe ler nem escrever entende as estrelas, e o matemático, que tem lido quantos escreveram, não alcança a entender quanto nelas há. Tal pode ser o sermão – estrelas, que todos vêem e muito poucos as medem.

- 0-0) Mais do que o poema e o romance, o gênero da oratória exige uma preocupação especial com o receptor, na medida em que o objetivo da pregação é persuadir e convencer o ouvinte.
- 1-1) No *Sermão da Sexagésima*, Vieira resume a arte de pregar, procurando analisar por que a palavra de Deus não frutificava no mundo.
- 2-2) De acordo com a retórica cultista, Vieira defende um sermão baseado na expressão clara das idéias, interessante e acessível aos ouvintes, desde os mais simples até os mais cultos.
- 3-3) Apesar de defender a clareza das idéias, Vieira não deixa de utilizar em seus sermões grande riqueza de imagens, a exemplo de seus adversários católicos, os gongóricos dominicanos, partidários do estilo conceptista.
- 4-4) A comparação do estilo do sermão à disposição das estrelas no Céu é um exemplo de como as imagens literárias podem ser utilizadas para facilitar o entendimento, e não para servir à afetação e à pompa.

Resposta: VVFFV

Justificativa:

O item 2-2) está incorreto, porque Vieira defendia uma retórica conceptista. O item 3-3) está incorreto, porque os adversários católicos de Vieira, os gongóricos dominicanos, defendiam um estilo cultista. As demais questões estão corretas.

02. O Romantismo foi um movimento marcado pelo individualismo e pelo egocentrismo. Com frequência, o destino da grandeza individual dos escritores românticos era o distanciamento pessoal da vida em sociedade, através da solidão voluntária. Considerando esse aspecto, leia o poema de Castro Alves e analise as questões a seguir.

O livro e a América

Oh! Bendito o que semeia
Livros, livros à mão cheia...
E manda o povo pensar...
O livro caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar.

(Castro Alves)

- 0-0) Castro Alves supera o extremo individualismo dos poetas anteriores de sua geração, dando ao Romantismo um sentido social e revolucionário.
- 1-1) Através do isolamento e da fuga à realidade, Castro Alves traduz o desinteresse dos poetas românticos pelo público leitor.
- 2-2) Castro Alves não apenas realizou uma poesia humanitária, participando de toda a propaganda abolicionista e republicana, como celebrou a instrução.
- 3-3) O poeta vê a leitura como um instrumento de libertação.
- 4-4) A poesia de Castro Alves pertence ao Realismo, e não ao Romantismo.

Resposta: VFVVF

Justificativa:

O item 1-1) está incorreto, porque o poeta supera o individualismo dos demais representantes da geração romântica e realiza uma poesia comprometida com a realidade. O item 4-4) também está incorreto, porque a poesia de Castro Alves é classificada como pertencente a um terceiro momento do Romantismo, e não ao Realismo. As demais questões estão corretas.

03. Alguns estilos de época, a exemplo do Parnasianismo, primaram pelo esteticismo e pelo culto à forma, em textos que buscavam atingir a impassibilidade e a impessoalidade, sendo por isso acusados de um distanciamento voluntário do público leitor. Leia o poema de Olavo Bilac e analise as questões a seguir.

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

(Olavo Bilac)

- 0-0) De cunho metalingüístico, este poema descreve as condições de produção e recepção de um texto literário, de acordo com o perfeccionismo da estética parnasiana.
- 1-1) O poeta compara sua função ao trabalho preciosista de composição dos manuscritos medievais, que demandavam a atenção exclusiva dos religiosos da época, na reclusão de seus mosteiros.
- 2-2) Bilac revela a intenção de criar, em sua poesia, um discurso tão belo quanto verdadeiro, onde o esforço da construção sirva à simplicidade do efeito.
- 3-3) Em seu poema, Bilac defende o isolamento do artista num claustro visando à produção de um texto hermético e avesso a qualquer interação com o leitor.
- 4-4) Como o Pe. Vieira, Bilac concorda que a arte é inimiga do artifício gratuito, e deve buscar atingir a compreensão e a empatia do seu público.

Resposta: VVVFV

Justificativa:

O item 3-3) está incorreto, porque Bilac defende que o isolamento do artista deve servir à produção de um texto simples, acessível, cujo “efeito agrade” ao leitor. As demais questões estão corretas.

- 04.** Assim como as novelas de televisão da atualidade, os romances românticos foram inicialmente editados em capítulos nos jornais, aumentando extraordinariamente a tiragem dos periódicos. Esses “folhetins” caíram no gosto do público burguês, e para atender a essa demanda, os escritores precisavam satisfazer as expectativas e os valores ideológicos desses leitores. Nessa perspectiva, leia os trechos abaixo e analise as proposições que vêm a seguir.

- Isto tudo me parece um sonho, respondeu Augusto, porém, dê-me este breve! A menina, com efeito, entregou o breve ao estudante, que começou a descosê-lo precipitadamente. Aquela relíquia era sua última esperança. Só falta a derradeira capa do breve... ei-la que cede e se descose...salta uma pedra... e Augusto, entusiasmado, cai aos pés de D. Carolina, exclamando: - O meu camafeu! O meu camafeu! A srª D. Ana e o pai de Augusto entraram nesse instante na gruta e encontraram o feliz e fervoroso amante de joelhos e a dar mil beijos nos pés da linda menina, que também chorava de prazer.

(Joaquim Manuel de Macedo, *A Moreninha*)

- O que é isto, Aurélia?- Meu testamento. Ela despedaçou o lacre e deu a ler a Seixas o papel. Era efetivamente um testamento em que ela confessava o imenso amor que tinha ao marido e o instituíra seu herdeiro universal. – Essa riqueza causa-te horror? Pois faz-me viver, meu Fernando. É o meio de a repelires. Se não for bastante, eu a dissiparei.

As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal.

(José de Alencar, *Senhora*)

- 0-0) Os finais felizes, com a resolução dos conflitos que quebraram, por instantes, a harmonia da ordenação social burguesa, são característicos do gênero folhetinesco.
- 1-1) Os folhetins, assim como as novelas, trabalham com a estratégia do suspense, interrompendo a narrativa num ponto culminante, de modo a prender o leitor/telespectador até o capítulo seguinte.
- 2-2) Ao submeter-se às exigências do público e dos diretores de jornais, o escritor romântico não podia criticar os valores da época, criando uma arte de evasão e alienação da realidade.
- 3-3) O gênero folhetinesco pretendia atender às necessidades de lazer e distração do público leitor.
- 4-4) O gênero folhetinesco pretendia formar um público exigente e crítico, capaz de mudar os rumos de sua história.

Resposta: VVVFV

Justificativa:

O item 4-4 está incorreto, pois o gênero folhetinesco romântico pretendia apenas atender à demanda de uma literatura de entretenimento.

- 05.** Durante o século XIX, crescia no Brasil o número de leitores e verificava-se o surgimento de uma vida cultural na Corte brasileira. Esses acontecimentos eram resultado do gradual desenvolvimento das cidades, em especial a do Rio de Janeiro. Com o surgimento do Realismo, a sujeição do escritor ao público burguês é substituída pela crítica social. Assim, embora tenha publicado seu romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* como um folhetim, Machado de Assis já não se comporta como os escritores românticos, daí a necessidade do prólogo dedicado “Ao Leitor”. A esse propósito, analise as afirmações seguintes.

Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual: ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião. Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. Conseqüentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. A obra em si mesma é tudo: se te agrada, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agrada, pago-te com um piparote, e adeus.

- 0-0) Machado de Assis antecipa-se ao julgamento da crítica, revelando, através deste prólogo, uma expectativa pouco favorável à recepção de seu romance.
- 1-1) Em seu prólogo, Machado de Assis mostra ter plena consciência de que a sua obra inauguraria uma nova etapa na literatura brasileira, contrariando o público leitor de então, acostumado ao sentimentalismo piegas dos folhetins românticos.
- 2-2) Dizendo-se um “finado”, o narrador desmerece o público, e confessa o seu total desinteresse pela recepção da obra, uma vez que ele mesmo já não faz parte deste mundo.
- 3-3) O narrador admite fazer uma concessão ao público leitor, visando conquistá-lo.
- 4-4) Como o Pe. Vieira, que menciona o “rústico” e o “matemático” em seu Sermão, o narrador deste romance também pressupõe a existência de dois tipos de público – “o frívolo” e o “grave” -; mas ao contrário de Vieira, já não considera essencial agradar a todos.

Resposta: VVFFV

Justificativa:

O item 2-2) está incorreto, pois o narrador de Machado justifica o caráter sucinto do seu prólogo justamente para angariar a simpatia do leitor. Os demais itens estão corretos.

06. O Modernismo teve início com a Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro de 1922. Idealizada por um grupo de artistas, pretendia colocar a cultura brasileira a par das correntes de vanguarda do pensamento europeu, bem como promover a tomada de consciência da realidade brasileira. A propósito desse Movimento, leia um resumo das atividades da Semana, por Mário da Silva Brito, e analise as afirmações a seguir:

A grande noite da Semana foi a segunda. Como era previsto, a pateada perturbou o sarau, especialmente à hora das “ilustrações”, ou seja, o momento em que, apresentados por Menotti Del Picchia, eram reveladas a prosa e a poesia modernas, declamadas ou lidas pelos seus autores. Mário de Andrade confessa que não sabe como teve coragem para dizer versos diante de uma vaia tão bulhenta que não escutava, no palco, o que Paulo Prado lhe gritava da primeira fila das poltronas. O poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira, que ridiculariza o Parnasianismo, foi declamado por Ronald de Carvalho sob os apupos, os assobios, a gritaria da maioria do público. Sérgio Milliet falou sob o acompanhamento de relinchos e miados.

- 0-0) A recepção negativa da Semana de Arte Moderna mostra o quanto o público brasileiro estava despreparado para compreender as novas propostas dos artistas.
- 1-1) A Semana de 22 foi um “acontecimento” justamente porque contrariou profundamente as expectativas da platéia.
- 2-2) Os modernistas atingiram plenamente os seus objetivos, produzindo poemas de péssima qualidade apenas para causar no público uma reação violenta.
- 3-3) Os modernistas brasileiros não tinham outros objetivos além de chocar e humilhar o público, a fim de ganhar fama.
- 4-4) Com o tempo, o público foi aceitando as novas propostas da arte e incorporando as mudanças, ao ponto de a arte moderna não surtir mais o mesmo impacto na atualidade.

Resposta: VVFFV

Justificativa:

O item 2-2) está incorreto, pois os poemas não eram necessariamente de péssima qualidade nem intencionalmente produzidos apenas para chocar o público. O item 3-3) está incorreto, pois os modernistas tinham propósitos reformadores da sociedade.

07. Comenta Affonso Romano de Sant’Anna a respeito da arte moderna: “No princípio do Modernismo, os artistas diziam como Mário de Andrade: “Eu insulto o burguês!”. Mas, paradoxal e ironicamente, os burgueses contornaram os insultos e transformaram a transgressão em norma. Qualquer artista iniciante começa por transgredir. Ainda não sabe as regras, mas já as renega. Passou a valer a assinatura e a intenção, a banalização da transgressão tanto estética quanto ética. Até o lixo virou arte de luxo. Daí, um silogismo perverso: ‘Se tudo é arte, então nada é arte’.” Como diz Marcel Duchamp, um dos artistas plásticos que mais radicalizaram a experiência da transgressão nos primórdios da arte moderna: “Joguei o urinol na cara deles como um desafio e agora eles o admiram como um objeto de arte por sua beleza”. Considerando essa perspectiva, observe as figuras abaixo, leia o poema de Manuel Bandeira e analise as questões a seguir:



O urinol, de Marcel Duchamp



Vaso sanitário, de Claes Oldenburg

Desencanto

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto..
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.

- Eu faço versos como quem morre.

- 0-0) O compromisso de Manuel Bandeira para com a poesia, expresso neste poema, reflete a atitude e a ética diante da vocação artística que Affonso Romano considera perdidas nos dias de hoje.
- 1-1) Apesar do tom transgressor de suas produções, os artistas de vanguarda, assim como os participantes da Semana de 22, tinham compromissos de reformação artística e/ou social, bem diferentes do exercício gratuito da transgressão que se percebe na atualidade.
- 2-2) Segundo Affonso Romano, o cinismo impera atualmente na arte, e a fama conta mais do que o ideal.
- 3-3) Marcel Duchamp assinala ironicamente a compreensão equivocada do público contemporâneo sobre os objetivos da arte de vanguarda.
- 4-4) Para Bandeira, interessa apenas o leitor comprometido, aquele que pode entender, por empatia, a vida e a verdade postas em seus versos.

Resposta: VVVV

Justificativa:

Todas as questões estão corretas. O poema de Bandeira fala de seu compromisso visceral com a poesia, confessando o seu "desalento" ou "desencanto" com relação ao leitor que não partilha essa atitude. Para Affonso Romano, o cinismo contaminou a arte moderna, revelando a compreensão equivocada do público no que concerne à atitude de rebeldia dos primeiros modernistas.

08. Em seu livro *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, Marshall Berman diz que "Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador, aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz."

Considere o texto acima e leia o poema de Carlos Drummond de Andrade. Em seguida, analise as proposições apresentadas.

Eterno

E como ficou chato ser moderno.

Agora serei eterno.

Eterno! Eterno!

... A cada instante se criam novas categorias do eterno

Eterna é a flor que se fana

se soube florir

é o menino recém-nascido

antes que lhe dêem um nome

e lhe comuniquem o sentimento do efêmero

é tudo aquilo que vive uma fração de segundo

mas com tamanha intensidade que se petrifica e nenhuma força o resgata

...Que os séculos apodreçam e não reste mais do que uma essência

ou nem isso.

e que eu desapareça mas fique este chão varrido onde passou uma sombra

e que não fique o chão nem fique a sombra

mas que a precisão urgente de ser eterno bóie como uma esponja no caos

e entre oceanos de nada

gere um ritmo.

- 0-0) Marshall Berman comenta que a modernidade é a era dos valores impermanentes, virtuais e descartáveis, mas admite que é possível lutar contra isso.
- 1-1) Em seu poema, Drummond reflete o mesmo pensamento sobre a modernidade, e propõe uma atitude antimoderna, buscando valores eternos.
- 2-2) A eternidade para Drummond é um conceito que pressupõe a imutabilidade dos valores e a permanência dos objetos no tempo.
- 3-3) A eternidade para Drummond é mais uma intenção e uma necessidade do que uma real possibilidade.
- 4-4) Marshall Berman e Carlos Drummond são entusiastas incondicionais da modernidade.

Resposta: VVFVF

Justificativa:

A alternativa 2-2) está incorreta, pois Drummond não pressupõe a eternidade como a imutabilidade dos valores nem a permanência dos objetos, mas como um conceito fluido: "a cada instante se criam novas categorias do eterno". O item 4-4) está incorreto: os autores criticam vários aspectos negativos da modernidade. Os demais itens estão corretos.

09. As três quadras mostradas abaixo são de João Cabral de Melo Neto, poeta pernambucano, da chamada geração de 45, autor de *Morte e vida Severina*, obra que tem como subtítulo *Auto de Natal Pernambucano*.

- Essa cova em que estás,
com palmos medida
É a conta menor
que tiraste em vida

- É de bom tamanho,
nem largo nem fundo
é a parte que te cabe
deste latifúndio

- Não é cova grande
é cova medida
é a terra que querias
ver dividida

0-0) A técnica despojada realça o aspecto dramático das quadras que iniciam o *Funeral do Lavrador*, onde se pode observar o desejo do autor de extrair o máximo de significação de cada palavra, numa linguagem despida de ornamentos.

1-1) No trecho acima, todas as quadras são introduzidas por um travessão, simbolizando a fala dos lavradores presentes ao enterro, como uma espécie de reza, que descreve, para os que ouvem, quem era o morto.

2-2) No subtítulo, *Auto* evidencia a influência do teatro medieval vicentino; *Natal* tem a ver com o nascimento que mudará a vida do personagem e *Pernambucano*, remete ao lugar onde se desenrola a narrativa. As injustiças sociais são descritas pelo eu-poético com distanciamento, em terceira pessoa.

3-3) O *Auto Morte e Vida Severina* narra a trajetória de um sertanejo que abandona sua terra de origem, com destino ao litoral, onde, afinal, apenas encontra o desespero e a morte.

4-4) Ao usar o nome próprio Severino como adjetivo, para caracterizar a morte e a vida, o eu-lírico representa todos os retirantes que sofrem com a seca e perdem sua identidade pela sina que os iguala.

Resposta: VVFFV

Justificativa:

Cabral usa realmente uma linguagem despojada, em toda sua obra. As falas dos amigos do morto compõem as quadras introduzidas por travessão e descrevem quem era o morto. A razão do subtítulo é verdadeira, mas o poema não é escrito na terceira pessoa, pois muitas vezes Severino toma a palavra. O final trágico não existe e, sim, uma apologia à vida, com o nascimento de uma criança.

10. O romance de 30 marcou o segundo momento do Modernismo com uma temática social, desenvolvida, na maioria, por autores do Nordeste. Mas, ser do mesmo grupo não significa ter uniformidade. Entre esses autores, houve semelhanças, mas houve diferenças também nas escolhas de estilo e de tratamento dos temas. A esse propósito, analise as proposições abaixo.

0-0) Jorge Amado, no seu romance *Capitães de Areia*, aborda um tema urbano, numa visão social idealizada: a história de um grupo de meninos de rua de Salvador, que vivem em um trapiche, comandados por Pedro Bala. Contudo, o autor não aborda as diferenças de classe nem se refere aos efeitos da miséria nos menores discriminados.

1-1) Rachel de Queirós, que se iniciou na literatura com *O quinze*, um romance sobre o êxodo provocado pela seca no sertão, teve, com *Memorial de Maria Moura*, seu último romance. Nele, a autora narra a luta de uma mulher que, em meio a um mundo de valores masculinos, se rebela contra a sociedade, fugindo para o sertão e comandando um bando de cangaceiros. A obra faz uma boa reconstrução da vida no sertão nos fins do Século XIX.

2-2) As diferenças entre os romances de Rachel de Queirós e Jorge Amado são inúmeras. Ela trata de problemas do campo, ele, de problemas urbanos. O que esses autores têm em comum é a abordagem inovadora dos temas sociais.

3-3) Graciliano Ramos, romancista que escreveu a obra prima *Vidas Secas*, foi autor memorialista em *Memórias de Cárcere*. Alagoano, analisou sem piedade a política de sua terra natal e de seu país, sendo por isso preso, mesmo sem culpa formada.

4-4) *Memórias do Cárcere* descreve sua peregrinação, de presídio em presídio, quando conheceu a brutalidade da tirania governista da época. Retrata, numa linguagem bem peculiar à região nordestina, as cenas a que assistiu. A opção por essa linguagem respondeu ao propósito do autor de emprestar a seu texto uma cor local.

Resposta: FVVVF

Justificativa:

Jorge Amado explicitou e denunciou as diferenças de classe e os efeitos perversos da miséria. Rachel de Queirós narrou uma história em que denuncia a posição inferiorizada da mulher, no sertão do século XIX. As afinidades entre ambos são visíveis, pelo regionalismo e pela forma com que procuram retratar a realidade. Graciliano Ramos fez uma obra autobiográfica, mas não optou por uma linguagem peculiarmente regional.

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
a valsa me levou nos giros seus...
E amamos juntos... e depois na sala
Adeus, eu disse-lhe a tremer co'a fala...
E ela, corando, murmurou-me: adeus.

(Castro Alves).

A primeira vez que eu vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna
Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do
corpo
Os olhos nasceram e ficaram esperando que o resto do
corpo nascesse
Da terceira vez eu não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus ficou pairando sobre a face das
águas.

(Manuel Bandeira).

11. Duas escolas literárias e duas visões diferentes do mesmo tema, a mulher amada. A esse propósito, analise as proposições abaixo.

- 0-0) Enquanto Bandeira é modernista, Castro Alves é romântico, de onde vem a diversidade de abordagens e de técnicas poéticas. Enquanto o primeiro usa métrica e rima, o segundo usa versos livres.
- 1-1) Bandeira desconstrói o texto romântico sem tirar-lhe a delicadeza das descrições e sem apelar para algum tipo de conotação humorística. No final, a citação bíblica dá um cunho religioso ao poema.
- 2-2) Os versos de Castro Alves são marcados por uma sensualidade delicada, porém explícita, quebrando, assim, a imagem da mulher inacessível dos primeiros momentos do Romantismo.
- 3-3) A crença na necessidade de destruir os valores do passado, para propor uma nova concepção de arte, é seguida pelos modernistas da Primeira Geração, à qual pertenceu Bandeira.
- 4-4) A paródia foi um dos caminhos dos modernistas para a releitura de textos famosos do passado, como faz Bandeira neste poema.

Resposta: VFVVV

Justificativa:

Castro Alves foi romântico, e Bandeira, modernista, o que causa as diferentes abordagens. Bandeira dá à paródia um tom humorístico, sem cunho religioso. Os versos de Castro Alves são sensuais e delicados, como não foram os versos de poetas românticos anteriores. O Modernismo quis destruir os valores do passado para erigir outros novos e, para isso, valeu-se da paródia, como fez Bandeira.

12. A poesia no Brasil desenvolveu-se desde a colonização. O gênero Romance, no entanto, popularizou-se tardiamente, sobretudo em relação à Europa. Sobre esse tema, analise as afirmações abaixo.

- 0-0) O primeiro romance brasileiro foi *A Moreninha*, história de amor ingênua, com uma heroína que homenageava o tipo de mulher brasileira. Seu autor foi Joaquim Manoel de Macedo.
- 1-1) Na primeira metade do século XIX, o romance adotou três gêneros: o urbano, retrato da vida na corte, o indianista, resgate dos primitivos habitantes, e o regionalista, que procurava ressaltar o Brasil rural.
- 2-2) Entre os romancistas urbanos, estão o já citado Macedo e José de Alencar. A representação dos costumes da elite brasileira que residia na Corte (Rio de Janeiro) definiu o projeto literário deste tipo de romance.
- 3-3) De Manuel Antonio de Almeida, o romance *Memórias de um Sargento de Milícias* aborda uma história cujos personagens não são idealizados e pertencem à camada mais baixa da população. Na verdade, quase uma comédia de costumes, a obra tem contornos realistas.
- 4-4) Romancista da Corte foi também Machado de Assis, cujos personagens igualmente pertenciam à elite do Rio. No entanto, Machado, iniciando-se nos padrões do Romantismo, tornou-se depois naturalista, escrevendo uma obra em que, com personagens patológicos, segue a doutrina do cientificismo e do determinismo (do meio e da hereditariedade).

Resposta: VVVVF

Justificativa:

As quatro primeiras alternativas são verdadeiras, pois o primeiro romance brasileiro foi *A Moreninha*; a princípio, foram criados três gêneros de romance sendo o mais praticado, o urbano; Macedo e Alencar escreveram romances urbanos, de acordo com os padrões da elite da Corte. Manuel Antônio de Almeida fez do seu romance uma comédia de costumes com personagens da classe popular. Machado de Assis, embora tenha começado como romântico, não se tornou naturalista e, sim, realista.

13. O indianismo foi uma corrente literária que envolveu prosa e poesia e fortificou-se após a Independência do Brasil. Sobre esse tema, analise as afirmações a seguir.

- 0-0) A literatura indianista cumpriu um claro projeto de fornecer aos leitores um passado histórico, quando possível, verdadeiro, se não, inventado.
- 1-1) Os dois autores que mais se empenharam no projeto de criação de um passado heróico foram José de Alencar, na prosa, e Gonçalves Dias, na poesia.

- 2-2) Gonçalves Dias, da primeira geração de românticos, escreveu *Y-Juca-Pirama, Os Timbiras, Canto do Piaga*. Com eles, construiu a imagem heróica e idealizada do índio brasileiro.
- 3-3) Indianismo não significava simplesmente tomar como tema o índio; significava a construção de um novo conceito que, embora idealizado, expressava menos que uma realidade racial; expressava uma realidade ética e cultural, distinta da européia.
- 4-4) José de Alencar, em seus romances, sobretudo em *Iracema* e em *O Guarani*, se encarregou de construir o mito do herói indianista. De grande importância para isto, foi a preocupação com a vertente brasileira do português, pois Alencar procurava moldar a língua nacional aos personagens indígenas que a falavam.

Resposta: VVVVV

Justificativa:

Todas as respostas sobre o indianismo estão corretas. O passado que os indianistas abordaram foi, na maioria das vezes, inventado. Os autores mais importantes nessa corrente foram Alencar e Gonçalves Dias. As obras citadas desse segundo autor estão corretas. O indianismo é uma nova concepção sobre a origem racial do brasileiro. José de Alencar, além de construir um mito nacional, quis criar também uma língua brasileira.

Triste Bahia

Triste Bahia, oh, quão dessemelhante...
 Estás e estou do nosso antigo estado
 Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado
 Rico te vejo eu, já tu a mim abundante
 Triste Bahia, oh, quão dessemelhante
 A ti tocou-te a máquina mercante
 Quem tua larga barra tem entrado
 A mim vem me trocando e tem trocado
 Tanto negócio e tanto negociante

Triste, oh, quão dessemelhante
 ê, ô, galo canta
 O galo cantou, yãmara
 ê, yãmara yó, ê yãmara yó, yãmara
 ê, vamo-nos embora, ê vamo-nos embora yãmara
 ê, pelo mundo afora, ê pelo mundo afora yãmara
 ê, triste Bahia, ê, triste Bahia, yãmara
 Bandeira branca enfiada

(Caetano Veloso)

14. O crítico Charles Perrone diz que reduzir o conceito de Barroco aos séculos XVI e XVII elimina a possibilidade de correlacionar sensibilidades poéticas através dos séculos. Confirmando essa opinião, Afonso Ávila fala sobre a ascendência poética do escritor barroco Gregório de Matos sobre a música / poesia de Caetano Veloso, que, exilado em Londres, escreveu o poema acima, reutilizando versos de Gregório de Matos e complementando-os com seu próprio estilo. A esse propósito, analise as afirmações seguintes.

- 0-0) O tema é o lamento das mudanças que ocorreram na cidade e crítica dos acontecimentos ali desenrolados.
- 1-1) A sátira e a ironia burlesca é um tom freqüente na obra de Gregório de Matos.
- 2-2) Não há nenhuma característica barroca no poema de Caetano Veloso Triste Bahia.
- 3-3) A harmonia, a linearidade e a uniformidade de linguagem, presentes nos versos de Gregório, estão presentes também nos de Caetano.
- 4-4) Os versos acima são marcados pelas características da linguagem barroca: as antíteses, os contrastes, as inversões, os paradoxos, as repetições e jogos sonoros.

Resposta: VVFFV

Justificativa:

O tema e sua forma de tratamento são o lamento das mudanças na cidade da Bahia. A sátira e a ironia de Gregório de Matos estão presentes nos versos. A obra como um todo pode ser considerada barroca, pois tem excessos e se afasta do objeto abordado, numa superabundância de expressões, que poderiam ser consideradas desnecessárias para o entendimento do texto. Não há harmonia nem linearidade nem uniformidade de linguagem nos versos, mas, antes, as características da linguagem rebuscada barroca, citadas no item 4-4).

15. Ariano Suassuna, paraibano pernambucanizado, é um escritor múltiplo, teatrólogo e romancista. Sobre ele, analise as afirmações abaixo.

- 0-0) Seu primeiro trabalho, só agora divulgado, foi *A História de Amor de Fernando e Isaura*, o único que não é ambientado no sertão e, sim, no litoral de Alagoas.
- 1-1) O seu romance mais conhecido é *A Pedra do Reino*, de "forte aparelhagem cavalheiresca", que lhe embasa a técnica e o conteúdo. O personagem central, *Quaderna*, confere forma de oralidade ao relato, com um vocabulário sensacionalista e hiperbólico, comum à literatura popular.
- 2-2) Como teatrólogo, escreveu *O Santo e a Porca* e *o Auto da Compadecida* – sua obra mais encenada – com base nas fontes da literatura de cordel e nas influências da literatura medieval ibérica.
- 3-3) Marcante no catolicismo popular, o marianismo (culto a Nossa Senhora) está presente na obra do autor, ora como alicerce na construção do *Auto da Compadecida*, ora como elemento recorrente em *A Pedra do Reino*.
- 4-4) O *Auto da Compadecida* tem a dimensão de uma farsa, apresentada com comicidade, onde a religiosidade do mundo sertanejo combina-se com a irreverente crítica social.

Resposta: VVVVV

Justificativa:

Todas as respostas estão corretas. A primeira obra de Ariano foi *O Romance de Fernando e Isaura*

(1956). *A Pedra do Reino* tem como personagem central, Quaderna, um herói picaresco, mas que tenta encarnar o cavaleiro andante, tal como um Quixote. A fonte de seu teatro são a literatura de cordel e os romances de aventura medievais; e o culto a Maria está presente nas obras citadas; e o *Auto da Compadecida* é uma espécie de farsa e de crítica social.

Quadro 1 (Pedro Américo)



Quadro 2 (Vitor Meireles)



16. O conceito de Pátria, que se tornou concreto para os brasileiros com a Independência, consolidou-se, a partir de então, por todo o século XIX, até as primeiras décadas do século XX. Este conceito foi expresso nas artes, de forma exaltada e romântica, sobretudo, pela descrição da exuberância da natureza, chegando ao paroxismo do *Por Que me Ufano do Meu País*, do Conde Afonso Celso, que gerou a corrente ufanista na poesia. Na pintura, houve a reinterpretação dos episódios históricos com Pedro Américo (*O Grito da Independência*/quadro 1) e Vitor Meireles (*A Batalha dos Guararapes*/quadro 2). Na música, nesse período, foi composto o Hino Nacional Brasileiro, por Joaquim Osório Duque Estrada. Este conceito ufanista de pátria, com uma perspectiva idealizada do Brasil, embora não tenha prevalecido no Movimento modernista, perpassou a literatura brasileira, como se pode ver nos excertos abaixo.

0-0) Desde os dezoito anos que o patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem. Em que lhe contribuiria saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrava-se das suas coisas do tupi, do folclore, das suas tentativas agrícolas... Restava de tudo isso uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! (Lima Barreto)

1-1) Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá

As aves que aqui gorjeiam

Não gorjeiam como lá. (Gonçalves Dias)

2-2) Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste
Criança, não verás nenhum país como este.

(...)

Imita na grandeza, a terra em que nasceste.

(Olavo Bilac)

3-3) Verdes mares bravios da minha terra natal,
onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba.
Verdes mares, que brilhais como líquida
esmeralda aos raios do sol nascente,
perlongando as alvas praias ensombradas de
coqueiros. (José de Alencar)

4-4) No fundo da mata nasceu, Macunaíma, herói da
nossa gente. Era preto retinto e filho do medo
da noite. Já na meninice fez coisas de
sarapantar. De primeiro, passou mais de seis
anos não falando. Se o incitavam a falar,
exclamava:- Ai! Que preguiça! (Mário de
Andrade)

Resposta: FVVVF

Justificativa:

Lima Barreto faz Policarpo arrepender-se de ter lutado pela pátria, o que contraria o conceito idealizado de pátria.

Gonçalves Dias, Olavo Bilac e José de Alencar, exaltam as belezas da terra natal, contribuindo para a construção de um conceito que nem sempre correspondia à realidade, pois não viam os problemas sociais.

Mário de Andrade cria *Macunaíma*, que é o anti-herói, sem nenhum caráter: mestiço, preguiçoso e trapaceiro, para representar o povo do Brasil. Seu conceito de pátria, portanto, era realista e questionador.